

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALAIN DELON, A VIRTUDE DO SILÊNCIO
23 e 28 de Outubro de 2025

BORSALINO / 1970
(Borsalino)

Um filme de Jacques Deray

Realização: Jacques Deray / Argumento: Jean-Claude Carrière, Jean Cau, Jacques Deray e Claude Sautet, baseado no livro *Bandits à Marseille*, de Eugène Saccomano / Direcção de Fotografia: Jean-Jacques Tarbès / Música: Claude Bolling / Direcção Artística: François de Lamothe / Guarda-Roupa: Jacques Fonteray / Som: Jacques Maumont / Montagem: Paul Cayatte / Interpretação: Alain Delon (Roch Siffredi), Jean-Paul Belmondo (François Capella), Catherine Rouvel (Lola), Michel Bouquet (Rinaldi), Françoise Christophe (Simone Escarguel), Corinne Marchand (Sra. Rinaldi), Nicole Calfan (Ginette), Julien Guiomar (Simon Boccace), Mario David (Mario), Daniel Ivernel (Comissário Fanti), Arnoldo Foá, (Marello), etc.

Produção: Adel Productions – Marianne Productions – Mars Film / Produtores: Alain Delon e Henri Michaud / Cópia: DCP, colorida, falada em francês com legendas electrónicas em português / Duração: 124 minutos / Estreia em Portugal: Berna, a 21 de Outubro de 1970.

Alain Delon e Jean-Paul Belmondo já se tinham cruzado fugazmente em filmes anteriores – nomeadamente em **Paris Brule-t-il?**, quando ambos já eram estrelas de estatuto bem firmado – mas nunca tinham encabeçado o elenco de um filme inteiramente à volta deles. **Borsalino** foi esse filme, o primeiro a reunir as duas maiores vedetas do cinema francês da viragem dos anos 60 para os anos 70, e encontrou o previsível grande sucesso na bilheteira, com perto de cinco milhões de espectadores (só em França) no final da sua carreira comercial.

O mentor do projecto foi Alain Delon, que também produziu o filme através da sua empresa Adel Productions. Foi quando rodava **La Piscine**, também com Jacques Deray, que Delon descobriu o livro de Eugène Saccomano, *Bandits à Marseille*, que era uma pequena história da mafia marselhesa. Delon teve muito depressa a ideia de adaptar um capítulo desse livro, dedicado a dois “gangsters” marselheses célebres dos anos 30 e 40, Paul Carbone e François Spirito (*Carbone et Spirito* foi, durante algum tempo, o título previsto), e pensou logo em Deray para realizar e em Belmondo para seu partenaire. O argumento – em que colaboraram várias mãos e alguns pesos pesados do guionismo francês, como Jean-Claude Carrière e Claude Sautet - acabou por se afastar dos elementos mais “documentais”, por pressão vinda do seu próprio objecto (a máfia marselhesa). Chegou-se ao ponto de ninguém em Marselha querer colaborar na produção do filme, o que, acrescendo as ameaças à integridade física de Delon, inviabilizaria a rotação do filme naquela cidade. De modo que o argumento foi sendo “suavizado” das suas referências mais explícitas, até assentar num par de personagens de nome ficcional, François Capella para Belmondo e Roch Siffredi (que mais tarde

inspiraria o “nome artístico” de uma vedeta do porno francês) para Delon, mascarando as figuras reais que inspiraram as personagens.

Lemos estas histórias sobre os bastidores de **Borsalino** e elas, muito francamente, parecem-nos quase mais interessantes do que o próprio filme, que hoje tem um ar um pouco envelhecido. Jacques Deray era um velho baluarte do “polar” francês, e se nunca foi um génio também não é ninguém para se deitar fora – mas o seu trabalho talvez tenha acontecido precisamente no registo do policial contemporâneo, sem o peso da reconstituição da época (que sufoca um pouco **Borsalino**: sente-se a absoluta necessidade de mostrar os “valores de produção”, porque não se gastam 14 milhões de francos num filme para que eles depois fiquem “invisíveis”) e sem precisar de se subjugar às vedetas, sobretudo quando elas também são os produtores (rezam as crónicas que Delon terá “desautorizado” várias vezes o seu realizador, forçando-o a filmar o que queria e como queria). Borsalino sofre, de facto, com isso – é um filme bastante estático, bastante “figé” como dizem os franceses, espécie de passeio pelo décor da Marselha antiga reconstituída (apesar de algumas boas ideias cenográficas, infelizmente raras, como a sequência do tiroteio no armazém de carnes), e com uma quase criminosa indiferença perante os óptimos actores secundários de que dispõe (Michel Bouquet, Catherine Rouvel, Corinne Marchand...).

Todo o foco vai para a reunião desses “irmãos inimigos” que são Siffredi e Capella, e que de certa forma podiam ser os próprios Delon e Belmondo (que, de resto, se desentenderam na sequência do filme, em conflito que acabou por ir parar aos tribunais). Toda a abertura é paradigmática, um jogo com as expectativas do espectador perante a reunião daqueles dois actores, pleno de ambivalência: é só depois de uma sessão de pancadaria entre Delon e Belmondo que os dois descobrem que podem ser amigos e, juntos, tomar conta do submundo de Marselha. É, também, em nome da amizade que se separam, face à inevitabilidade de, uma vez Marselha a seus pés, todos os outros inimigos eliminados ou neutralizados, se tornarem eles próprios, um para o outro, inimigos. Mas depois, intervém o “destino”, aliás bastante forçado (espécie de resquício do pesadume do cinema francês dos anos 50), que parece uma citação involuntária (?) do final do **À Bout de Souffle** que dez anos antes projectara Belmondo para o estrelato. Mas em vez de Jean Seberg e daquela pergunta sobre o que quer dizer “dégueulasse” ficamos apenas com o rosto apolíneo de Alain Delon.

Luís Miguel Oliveira